



SOCIEDADE E ENTESOURAMENTO NO SERTÃO DE PERNAMBUCO, 1720-1822

SOCIEDAD Y ACUMULACIÓN EN INTERIOR DE PERNAMBUCO, 1720-1822

SOCIETY AND ACCUMULATION IN THE BACKWOODS OF PERNAMBUCO, 1720-1822

Welber Carlos Andrade da Silva*

Cómo citar este artículo/Citation: Andrade da Silva, W. C. (2016). Sociedad y acumulación en interior de Pernambuco, 1720-1822. *XXI Coloquio de Historia Canario-Americana (2014)*, XXI-049. <http://coloquioscanariasamerica.casadecolon.com/index.php/aea/article/view/9531>

Resumo: Esta investigação tem por objetivo compreender o processo de formação de fortunas nas vilas sertanejas de Pernambuco entre os anos de 1720 a 1822, fase colonial tardia, com destaque para o desenvolvimento da pecuária e produção algodoeira. Nos últimos anos, a historiografia tem revelado a importância dos sertões para o abastecimento interno da América portuguesa, bem como sua integração ao mercado atlântico. Nesse sentido, este trabalho faz uso de inventários *post-mortem*, que permitem relacionar perfil social, atividades econômicas e o padrão dos investimentos da elite local pernambucana.

Palavras chave: Sociedade; acumulação; sertão; Pernambuco; inventários

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo comprender el proceso de formación de la fortuna en los pueblos del interior de Pernambuco entre los años de 1720-1822, período tardocolonial, con énfasis en el desarrollo de la ganadería y el algodón. En los últimos años, la historiografía ha puesto de manifiesto la importancia de la zona de influencia del mercado de abastecimiento de la América portuguesa, así como su integración en el *Mercado Atlántico*. En este sentido, este trabajo hace uso de los inventarios *post mortem*, que nos permiten relacionar el perfil social, la actividad económica y el modelo de inversión de la élite local *pernambucana*.

Palabras clave: sociedad; acumulación; interior; Pernambuco; inventarios

Abstract: This research aims to understand the process of formation of fortunes in the hinterland villages of Pernambuco between the 1720 to 1822, tardy colonial period, with emphasis on the development of livestock and cotton production. In recent years, historiography has been revealing the importance of the hinterland to the domestic supply of Portuguese America, as well as its integration into the Atlantic market. In this sense, this paper makes use of post-mortem inventories, which enable us to relate social profile, economic activity and the pattern of local elite investments of Pernambuco.

Keywords: society; accumulation; backwoods; Pernambuco; inventories

* Doutorando em História, Universidade de Évora, Portugal. Bolsista da CAPES Foundation, Ministry of Education of Brazil, Brasília –DF. Pesquisador do Grupo de Estudos em História Sociocultural da América Latina/UPE. Correio eletrônico: kako_andrade10@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Durante o século XVI, em pleno processo de colonização da área açucareira, a noção de sertão foi sendo forjada. Ela incluía as terras não inseridas na produção de açúcar, e que não estavam sob jurisdição metropolitana. Como afirma Kalina Vanderlei Silva, “criou-se, assim, uma dicotomia entre espaço considerado civilizado e aquele considerado selvagem”.¹ Com isto, duas áreas tomaram conta do imaginário coletivo nos primeiros séculos de ocupação da América portuguesa: uma civilizada, e a outra despovoada, inóspita, selvagem, chamada sertão.



Fonte: Fazendeiro e sua família, KOSTER (1978), Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil.
Recife: Secretaria de Educação e Cultura.

OBJETIVOS

Esta investigação tem por objetivo geral compreender o processo de formação da sociedade sertaneja em Pernambuco, suas atividades, as formas de entesouramento e a transmissão de fortunas entre 1720 a 1822.

Objetivos específicos

1. Identificar os tipos sociais no sertão de Pernambuco entre 1720 a 1822;
2. Estudar as principais atividades econômicas do sertão de Pernambuco e sua relação com o processo de entesouramento;
3. Produção de quadro prosopográfico, a partir da documentação consultada, entre 1720 a 1822.

HIPÓTESE

Apesar do sertão de Pernambuco apresentar uma forte tendência para a produção pecuarista, diversas atividades econômicas eram desenvolvidas em paralelo, como roças, comércio e artesanato, que asseguravam à população formas de acumulação e investimento das fortunas. Além disso, do ponto de vista sociocultural, o sertão destaca-se pela mestiçagem.

1 SILVA (2010), p. 112.



Fonte: Carregador de algodão. KOSTER (1978), Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Recife: Secretaria de Educação e Cultura.

MATERIAIS E METODOLOGIA

Utilizamos em nossa investigação o modelo teórico da História social proposto por George Duby, bem como os estudos em História Econômica e Social de João Fragoso, Manolo Florentino e Antônio Carlos Jucá, com destaque para as análises sobre mercado atlântico, sociedades agrárias e grupo mercantil na América portuguesa. Entre os métodos utilizados destacamos em nossa investigação o uso da prosopografia, aplicada em estudos sobre elites e trajetórias sociais. Quanto à documentação, utilizamos amplo conjunto como cartas, requerimentos, ofícios e consultas existentes no Arquivo Histórico Ultramarino e Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal.

RESULTADOS E/OU CONSIDERAÇÕES

1. Diversificado quadro socioeconômico; 2. Redes de abastecimento entre Litoral e Sertão; 3. Inserção do Sertão no mercado atlântico; 4. Formação de sociedade mestiça; 5. Relação com a cultura ibérica.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. Capistrano de (1988). *Capítulos de História Colonial, 1500-1800*. 7ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ARRUDA, J. J. (2008). "O novo imperialismo britânico e o fenômeno Brasil". *Revista de História da USP*. São Paulo, n.79, setembro/novembro.
- BARROS, J. D'assunção (2010). "Duas Fases de Capistrano de Abreu: notas em torno de uma produção historiográfica". *Revista História, Historiadores e Historiografia. Projeto N° 41, Dezembro*.
- BONIFÁCIO, H. D. N. T. (2012). *Nas rotas que levam às minas: mercadores e homens de negócios da capitania de Pernambuco no comércio de abastecimento da região mineradora no século XVIII*. Programa de Pós-Graduação em História. Recife: UFPE. (Dissertação de Mestrado).
- COSTA, L. F.; ROCHA, M. M.; SOUSA, R.M. de. (2013). *O ouro do Brasil*. 1ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional.

- FRAGOSO, J. L. (1998). *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FRAGOSO, J. y FLORENTINO, M. (2001). *O arcaísmo como projeto. Mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia*. Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FURTADO, C. (2007). *Formação Econômica do Brasil*. 34ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- IVO, I. P. (2012). *Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cor, es nos sertões da América portuguesa, século XVIII*. Vitória da Conquista: UESB.
- KOSTER, H. (1978). *Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução de Luís da Câmara Cascudo*. 2ª edição. Coleção Pernambucana, v. XVII. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco.
- MARQUES, A.B. L. (2012). *Entre lajedos e lagoas: formação territorial, habitações e bens culturais no povoado d Alagoinhas nos sertões de Pernambuco (1775-1835)*. Mestrado em História Social da Cultura Regional. Recife: UFRPE. (Dissertação de Mestrado).
- MEDEIROS, T. S. (2009). *O sertão vai para o Além-Mar: a relação centro e periferia e as fábricas de couro em Pernambuco nos setecentos. Programa de Pós-Graduação em História*. Natal: UFRN. (Dissertação de Mestrado).
- MELLO e SOUZA, L. de et al. (2009). *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda.
- MOUCHA, A. S. de (2014). *Fabricantes e comerciantes do couro em Pernambuco durante o século XVIII: o caso dos irmãos Costa Monteiro*. *Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Poderes, Negócios e Saberes: elites plurais num império multifacetado / Rafael Chamboleyron & Karl-Heinz Arenz (orgs.)*. Belém: Editora Açaí, volume 5, 2014
- PEDREIRA, J. (2005). “A Indústria”, in LAINS, P.; SILVA, A. F. da (Orgs.) *História Econômica de Portugal, 1700-2000. O século XVIII*. Vol. I. Lisboa: ICS.
- PRADO JR. C. (2011). *Formação do Brasil Contemporâneo. Entrevista com Fernando Novais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PUNTONI, P. (2000). *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: HUCITEC.
- RIBEIRO JR. J. (1981). “A economia algodoeira em Pernambuco: da colônia à independência”. *Revista Brasileira de História*, nº 1. São Paulo, Setembro.
- ROCHA, M. M.; SOUSA, R. M. de (2005). “Moeda e Crédito”, in LAINS, P.; SILVA, A. F. da (Orgs.) *História Econômica de Portugal*. Vol. I. Lisboa: ICS.
- SAMPAIO, A. C. J. de (2003). *A produção política da economia*. Topoi, v. 4, n. 7, jul-dez.
- SAMPAIO, Y. de Sá Barreto. “A Casa da Torre e a formação territorial do sertão pernambucano”. *Revista do IAHGP*, Recife, n. 66.
- SILVA, K. V. (2010). *Nas solidões vastas e assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII*. Recife: CEPE.
- SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil, 1500-1820*. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- SOBRINHO, B. L. (1951). *Documentos históricos sobre a comarca do São Francisco*. Recife: Arquivo Público Estadual.
- SOUZA, G. F. Cabral de (2012). *Trato e Mofatras: o grupo mercantil do Recife colonial (c.1654-c.1759)*. Recife: Ed. UFPE.
- SOUZA, G. Cabral de (2012). “A gente da governança do recife colonial: perfil de uma elite local na América portuguesa (1710-1822)”, in FRAGOSO, J.; SAMPAIO, A. C. Jucá de. (Org.) (2012). *Monarquia pluricontinental e a governança da terra no ultramar atlântico luso: séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- TOLLENARE, L.F. de (1978). *Notas dominicais. Coleção Pernambucana. V. XVI*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco.
- VERSIANI, F. R.; VERGOLINO, J. R. Oliveira (2003). *Posse de Escravos e Estrutura da Riqueza no Agreste e Sertão de Pernambuco: 1777-1887*. Est. Econ., São Paulo, V. 33, N. 2, Abril-Junho.